

OS *METASSEMEMAS* (FIGURAS DE PALAVRAS)
NA KOINÉ NEOTESTAMENTÁRIA

Profa. Me. Luciene de Lima Oliveira (UFRJ)

RESUMO

O presente artigo tem por escopo tecer considerações a respeito de algumas *figuras de palavras*, diga-se *metassememas* (figuras essas que atuam no nível da semântica). Os escritores sacros se utilizaram dessas figuras em seus escritos. A propósito, a língua é, de um modo geral, coletiva, todavia, cada escritor tem suas particularidades, preferências linguísticas. Preocupa-se em seguir e respeitar as normas vigentes de uma determinada língua, mas, quando há necessidade, o escritor não emprega as regras ‘da norma culta’, para se alcançar maior expressividade em suas mensagens.

Palavras chave: 1. Linguística. 2. Linguagem. 3. Estilo, 4. Figuras de Palavras.

**METASSEMEMES (FIGURES OF SPEECH) IN KOINÉ
IN THE NEW TESTAMENT**

ABSTRACT

This paper presents considerations about some figures of speech, called *metasememes* (these figures act at the semantic field) which were used by sacred writers of the Greek New Testament. Incidentally, the language is, generally, related to collectivity, nevertheless, each writer/speaker has his own particularities, linguistic preferences. None the less, when it is necessary, the individual does not use rules of ‘standard language’ – considered as a pattern - of his language, in order to reach grater expressivity in his messages.

Keywords: 1. Linguistics, 2. Language, 3. Style, 4. Figures of speech, 5. Greek.

1. Notas Introdutórias

A estilística é uma vertente da linguística que se interessa pelo estudo das figuras de linguagem, pelo estilo. É bom destacar que, de um modo geral, acredita-se que o campo da estilística seja bem mais abrangente, uma vez que lhe interessa o discurso escrito ou falado.

Considera-se o linguista suíço, discípulo de Ferdinand de Saussure – Charles Bally (1865-1947) – como um dos fundadores da estilística. Bally publicou sua obra intitulada “*Traité de Stylistique Française*”.

A seguir, tem-se a conceituação de linguística por Roman Jakobson:

A linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução (JAKOBSON, s/d, p. 34).

A linguagem, para Bally, é um sistema de meios de expressão que “exterioriza a parte intelectual do nosso ser pensante”; porém, como o homem está escravizado pelo seu *eu*, no qual se refrata toda a realidade, a linguagem exprime não só ideias, mas, principalmente, sentimentos. Assim é que o discípulo de Saussure designa de estilística à disciplina que “analisa os valores afetivos da linguagem” (SAUSSURE apud SILVA, 1976, p. 600).

Então, partindo dessa conceituação de Bally, a tarefa da estilística é “examinar esses caracteres afetivos, estudar os meios pelos quais a linguagem os expressa e às suas correlações (...)” (ENKVIST at alli, 1964, p. 29).

Câmara argumenta que a retórica foi a primeira aproximação do estudo estilístico, como hoje se compreende. A sua maior contribuição para a teoria da linguagem foi a apreensão das chamadas *figuras de linguagem*, com conceituações que ainda, hoje, são aproveitadas (CÂMARA, 1996, p. 209).

A propósito, a preocupação com o uso da linguagem, para se expressar de maneira clara, concisa é uma herança clássica que passou para a nossa cultura ocidental. Para Vanoye, a retórica clássica se estabeleceu como um conjunto de técnicas destinadas à produção de discursos, todavia,

atualmente, a retórica constitui um instrumento da análise do discurso, principalmente, dos discursos estereotipados (VANOYE, 1986, p. 50).

A helenista Dulci Nascimento argumenta que “a retórica foi, e ainda é de todas as artes a mais útil ao ser social, pois através dela o homem busca subsídios para, por meio da palavra, fazer com que os outros componentes de uma sociedade aceitem suas ideias” (NASCIMENTO, 2006, p. 33).

De acordo com Dantas, “a Retórica Clássica seria o estágio inicial da Estilística (...)” (DANTAS apud MONTEIRO, 2005, p. 40).

Há uma antiga tradição de que a arte da retórica seria uma invenção de Córax e Tísias no século V a.C. em Siracusa na Sicília, de Siracusa teria passado a Atenas através do sofista Górgias de Leontinos.

2. Figuras de Linguagem

Denominam-se *figuras de linguagem* ao conjunto de certos ‘desvios’ (*metáboles*) das normas gramaticais para se alcançar maior expressividade nas idéias ou, simplesmente, por questões de estilo.

Émile Benveniste atesta que é na linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem funda realmente na sua realidade, que é a do *ser*, conceito de “ego” (BENVENISTE, s/d, p. 50).

Os linguistas modernos costumam destacar que as *metáboles*, “desvios” se processam em dois planos: o Plano da Expressão (*os Metaplasmos* que atuam no nível da morfo-fonologia e *as Metataxes* que atuam no nível da sintaxe) e o Plano do Conteúdo (*os Metassememas* que atuam no nível da semântica e *os Metalogismos* que atuam no nível da lógica). Constitui, assim, um erro gramatical aqueles desvios que não tinham nenhuma “intenção estética”.

O escritor (ou falante), conhecedor da norma gramatical dita culta, tem duas opções para se comunicar: ou ‘respeita’ essa norma ou decide ‘transgredí-la’, resultando nos “desvios das normas”, manifestando, assim, as suas criatividade. Como pontua Monteiro, “a criatividade não tem limites e se exerce em qualquer plano da língua” (MONTEIRO, 2005, p. 66).

Os desvios sempre foram praticados e, entendeu-se, como de certo modo ainda hoje se entende que a sua função era a de embelezar o texto, a de ornamentá-lo, em perfeita harmonia com o ideal da arte de expressar o belo. Foram, então, denominados de *figuras*, elementos de adorno, e a sua catalogação se tornou uma tarefa essencial nos estudos de Retórica (MONTEIRO, 2005, p. 61).

Não se deve pensar que, para se escrever bem, seja necessário utilizar as várias *figuras de linguagem* que se encontram à disposição, sendo essa uma maneira mais adequada de chamar a atenção do leitor ou ouvinte.

Na verdade, a figura se opõe à linguagem simples, desviando os elementos da linguagem comum do seu uso normal; cria-se, então, uma linguagem nova, qualificada, por vezes, de “florida” (VANOYE, 1986, p. 48).

Ora, todo texto possui força argumentativa e, quando o homem, ser social, se dá conta de que a linguagem é um meio para alcançar o desejado, tenta aperfeiçoá-la para que se torne um instrumento melhor (NASCIMENTO, 2006, p. 42).

2.1 Figuras de Palavras ou Tropos

Quando um autor emprega um vocábulo distante de seu real significado, fazendo com que o vocábulo tenha um novo sentido, ele se utiliza das chamadas *figuras de palavras* ou *tropos*. Não obstante, Vanoye denomina essas figuras de “*figuras semânticas*” (VANOYE, 1986, p. 50).

Estilisticamente, a transposição do significado constitui um dos recursos mais férteis de enriquecimento do texto pelo acúmulo de conotações que geralmente desencadeia. O método mais produtivo para a análise dessas conotações é o estabelecimento de correlações entre diversas figuras (MONTEIRO, 2005, p. 85).

Sabe-se que a língua é, de um modo geral, coletiva, todavia, cada escritor ou leitor tem suas particularidades, preferências linguísticas. Não obstante, o linguista Sapir lembra que “estamos constantemente sob a impressão de ser originais e até aberrantes, quando, na realidade, estamos, apenas, repetindo um padrão social com o mais ligeiro toque de individualidade” (SAPIR, 1969, p. 65).

Assim é que há vários tipos de estilos: simples, complexo, conciso, redundante entre outros. Como sublinha Aristóteles, o “estilo será adequado se expressa o patético (emoções) (...)” (ARISTOTE. *Rhétorique* III, 7, 1408a 10-11).

Certos livros do *Novo Testamento* grego estão em um nível literário maior do que outros, assim, há livros mais bem elaborados do ponto de vista da estilística e das construções sintáticas como *Hebreus*, *Atos*, *Lucas* e *Tiago*, e aqueles que estão escritos em um nível mais simples como o *Apocalipse* e as três epístolas de João.

O *Novo Testamento* foi escrito em grego *Koiné* por homens de diversas profissões. Sublinhe-se que o dialeto ático, agora, com formas jônicas e com várias expressões da linguagem corrente, denominou-se de *He Koinè Diálektos*, isto é, a “língua comum” que também recebe a denominação de “*Koiné Alexandrina ou Helenística*”¹.

A propósito, o *Novo Testamento* como um todo e a maioria das obras dos autores cristãos - sejam eles Apologetas ou Padres da Igreja Oriental, renomados oradores eclesiásticos ou poetas - utilizaram a *Koiné Helenística*, para que penetrassem na massa de populações a serem convertidas ou doutrinadas em uma época que se seguiu à atividade apostólica dos doze discípulos (HORTA, 1988, p. 85)².

Ora, citem-se, por exemplo, as seguintes *figuras de palavras* extraídas do *Novo Testamento* grego:

A *antonómiasia* é uma *figura* muito comum no *Novo Testamento* grego, sendo a designação de um objeto ou ser pelo epíteto, isto é, é a substituição de um nome próprio por alguma palavra ou expressão que o qualifica. Normalmente, são epítetos derivados do pré-nome paterno (conforme *nomes patronímicos*). Eis alguns desses *nomes patronímicos*:

a) Bar Jonas (do grego *barionês*, do aramaico *bar yônah*, “filho de Jonas”) é um nome patronímico de Simão Pedro:

Jesus, respondendo, disse-lhes: ‘És afortunado, Simão **Barjonas**, porque carne e sangue não revelaram a ti, mas o meu Pai nos céus. (Mateus 16. 17)

b) Barrabás (do grego *Barabbês*, do aramaico *bar’abba*’, “filho do pai”), acredita-se que seja um nome patronímico. Barrabás foi aquele prisioneiro que foi libertado em lugar de Jesus Cristo a pedido dos judeus. Convém lembrar que havia o costume de um prisioneiro ser liberto da prisão pelo governador no período da páscoa.

O denominado **Barrabás** estava preso com os rebeldes, os quais tinham realizado um homicídio em uma revolta. (Marcos 15. 7)

c) Bartimeu (do grego *bartimaîos*, do aramaico *Bar timai*, “filho de Timeu”) era um homem cego e mendigo que, por sua insistência e fé, fora curado por Jesus, de acordo com a narrativa bíblica. Não se sabe o seu nome próprio.

E chegam a Jericó. E, quando ele saía de Jericó com os seus discípulos e grande multidão, o filho de Timeu, **Bartimeu**, um mendigo cego, estava sentado perto do caminho. (Marcos 10. 46)

¹ Em face da expansão colonizadora e imperialista do rei macedônio, a *Koiné* veio a ser a língua comum de comunicação internacional. Era natural que, no século IV, a influência do ático se espalhasse e se sobrepusesse a outros dialetos; a adoção por Filipe da Macedônia fez com que Alexandre e os generais que se tornaram seus sucessores continuassem a empregá-lo. Estes reinos flutuantes exigiam uma linguagem comum e encontraram-na num ático modificado. Os outros dialetos não se perderam por completo, foram absorvidos, e o jônio, especialmente, teve importância na formação da *koiné* (FERGUSON, 1973, p. 34).

² Costuma-se datar o *Período Helenístico* a partir das conquistas do macedônio, Alexandre Magno (336 a.C.) até o domínio romano da Grécia (146 a.C.). Acredita-se que o vasto império de Alexandre Magno era superior a 9.000.000 km². Assim sendo, o helenismo se espalhou por cidades variadas que não tinham origem grega, diziam-se *helenizadas* (FERGUSON, 1973, p. 43).

A *metáfora* é a mudança de sentido próprio pelo sentido figurado, isto é, é a *figura* que emprega um vocábulo ou expressão para designar outra, devido a uma *associação paradigmática*. Na verdade, é uma comparação entre duas coisas diferentes, mas que sugere uma certa semelhança.

De acordo com o professor Bechara, é a “transladação de sentido por comparação mental” (BECHARA, 1992, p. 341). Murry salienta que a metáfora “é um recurso corrente na linguagem e essencial na poesia. A seu lado, há a comparação assimilativa ou símile, em que se obtém esse destaque pelo cotejo de dois termos” (apud CÂMARA, 1996, p. 166).

Vanoye conceitua a *metáfora* como sendo uma forma de comparação, todavia, não se tem, explicitamente, o comparado, nem o termo comparativo, nem o ponto de comparação (VANOYE, 1986, p. 49).

Eu sou o **Álpha** e o **Ômega**, o **Primeiro** e o **Último**, o **Princípio** e o **Fim**. (Apocalipse 22. 13)

Para os cristãos, determinadas letras gregas tinham um significado especial, com um valor específico como o *álpha* e o *ômega*, sendo as duas letras que a própria divindade se qualificara. Na verdade, Deus é o *Álpha*, isto é, o “Criador de todas as coisas” e o *Ômega*, isto é, o “Consumador de tudo”.

Interessante é o exemplo subscrito dos versículos que se referem, em um sentido metafórico, às “armas” do cristão utilizadas na “guerra espiritual”:

As **armas** do nosso combate não (são) carnis, mas poderosas em Deus para aniquilamento de fortalezas, aniquilando pensamentos (torpes). (2 Coríntios 10. 4)

A propósito, a *metáfora* do ‘Noivado’ é muito empregada na Bíblia, para se referir ao “povo de Deus”. No *Novo Testamento*, por vezes, o vocábulo “noiva” diz respeito à igreja e ao seu relacionamento com Cristo, diga-se o “Noivo”.

34 Jesus disse a eles: ‘Não podeis fazer jejuar os convidados da festa enquanto o **noivo** está com eles. 35 Haverá dias em que, quando lhes for tirado o **noivo**, jejuarão naqueles dias. (Lucas 5. 34-35)

As parábolas, que Jesus utilizou em suas pregações, no decorrer de seu ministério, incluíam o uso de *metáforas*.

Cunha conceitua *parábola* como uma “narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras de ordem superior” (CUNHA, 1982, p. 579).

O teólogo Cerfaux sublinha que os gregos conceituavam *parábolas* como uma justaposição, a uma ideia menos acessível de uma analogia muito concreta para clarear uma ideia abstrata. Já entre os semitas, a parábola enquadrava-se na “imagem” e tem uma ampla riqueza de expressão. O estudioso lembra que um só termo designa tudo aquilo que se chama parábola, provérbio, fábula, comparação, alegoria, metáfora (CERFAUX, 1974, p. 5).

A propósito, as *parábolas* do *Novo Testamento* possuem suas origens em uma forma literária, cujas raízes se encontram no *Antigo Testamento* e na literatura rabínica.

Citem-se, por exemplo, as *parábolas* do “grão de mostarda” e do “fermento”, cuja lição espiritual é de que não se deve desprezar as coisas pequenas, mínimas, pois haverá um crescimento, no caso, do “Reino de Deus”.

31 “Contou para eles uma outra parábola, dizendo: O Reino dos Céus é semelhante a uma semente de mostarda, a qual um homem, tomando posse, semeou no seu campo. 32 Por um lado, é a menor dentre todas as sementes, por outro lado, quando cresce, (é) maior do que as hortaliças, e torna-se árvore, de modo que as aves do céu fazem ninho entre os seus ramos’. 33 Outra parábola lhes disse: ‘O reino dos céus é semelhante ao fermento, o qual uma mulher, tomando posse, o escondeu em três medidas de farinha até que se fermentou inteiramente. (Mateus 13. 31-33)

Algumas outras parábolas de Jesus:

1) *O Joio (Jo 10: 1-16) – Lição: A separação entre o bem e o mal.*

2) *O Bom Pastor (Lc 15: 8, 9) – Lição: Jesus é o único caminho para a salvação.*

3) *O Filho Pródigo (Lc 16: 1-9) – Lição: O amor de Jesus aos pecadores.*

4) *O Administrador Infiel (Mt 9: 37; Lc 10: 2) – Lição: Deve-se ser prudente na utilização de bens.*

5) *A Seara (Lc 16: 19-31) – Lição: Necessidade de trabalhar e viver uma vida de oração.*

É bom lembrar que, no *Antigo Testamento*, encontram-se algumas *parábolas*, tais como: *O cordeiro* (2 Samuel 12. 1-14); *Os dois irmãos e o vingador* (2 Samuel 14. 1-11), *A cativa que fugiu* (2 Reis 20. 35-40).

A diferença básica entre *Metáfora* e *Comparação* está no fato de, na maioria das vezes, a segunda *figura* vem introduzida por uma partícula comparativa para expressar o cotejo entre dois elementos.

Porque toda a carne (é) **como**³ erva; e toda a sua glória **como** da erva; a erva desvaneceu e a flor caiu. (1 Pedro 1. 24)

E disse: O reino de Deus é assim **como** se um homem jogasse a semente sobre a terra. (Marcos 4. 26)

A *Metonímia* é a *figura* que se utiliza de um vocábulo ou expressão para designar outra, devido a uma relação, a uma dependência intrínseca, inerente, contígua entre eles. Pode-se dizer que há uma *relação sintagmática*.

De acordo com o professor Bechara, a *metonímia* é “a transladação de sentidos pela proximidade de ideias” (BECHARA, 1992, p. 341).

Muitas vezes, a *metonímia* amplia o âmbito de significação de um vocábulo ou expressão, assim, a *metonímia* abrange a *sinédoque*.

A propósito, a *metonímia* e a *sinédoque* são figuras muito próximas, normalmente, são consideradas até como *figuras* sinônimas. Como destaca Savioli, modernamente, costuma-se não distinguir entre a *metonímia* e a *sinédoque* (SAVIOLI, 1988, p. 404).

A *Sinédoque* é a *figura* de palavras que consiste em empregar um termo em um sentido mais abrangente devido a uma relação de proximidade. Assim, diz-se que, normalmente, a *sinédoque* se refere a uma parte para designar o todo, o geral.

Todos os exemplos subscritos são *metonímicos* que incluem a *sinédoque*.

Tem-se as palavras gregas *sárx* (carne) e *sôma* (corpo) indicando o “o homem, o ser humano completo”:

a) Quando chegamos à Macedônia, a nossa **carne (o homem completo)** não teve nenhum descanso, mas fomos afligidos em tudo: combates por fora, medos por dentro”. (2 Coríntios 7. 5)

b) Exorto a vós, irmãos, por meio das misericórdias de Deus, a oferecerdes os vossos **corpos (o homem completo)** em sacrifício vivo, santo, favorável a Deus, o vosso culto racional. (Romanos 12. 1).

Já, o vocábulo *pólis* (cidade) indica “os habitantes”:

E eis que toda a **cidade (todos os habitantes)** foi para o encontro com Jesus; e, quando o viram, ordenaram que saísse de suas regiões. (Mateus 8 . 34)

Por fim, a *Sinestesia* é a *figura* que agrupa sensações dos vários órgãos dos sentidos. De acordo com Cunha, a *sinestesia* é a “relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente” (CUNHA, 1982, p. 726).

³ Do original grego, *hos* (*como*) é uma conjunção comparativa.

Assim, os binômios *Trevas / Escuridão* e *Brilho / Luz* possuem sensações de visão. Mas, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se tornará em **trevas (escuridão)** e a lua não dará o seu **brilho (a sua luz)**. (Marcos 13. 24)

3. Notas Conclusivas

Um bom escritor ou falante tem um amplo domínio da norma culta de sua língua e a conhece bem. Preocupa-se em seguir e respeitar as normas, todavia, quando há necessidade, “quebra” as regras da norma culta. Assim é que acontecem determinados “desvios” ocasionais da norma gramatical definida, padronizada e vigente – considerada como padrão – em uma determinada língua. Estes “desvios”, que são denominados de *figuras de linguagens*, os escritores sacros *neotestamentários* utilizaram em suas mensagens.

Na verdade, quem usa os recursos retóricos tem por objetivo persuadir, dar mais expressividade à sua mensagem. Afinal, o estilo é o modo como um determinado indivíduo se exprime linguisticamente, levando em conta as emoções e tem, por vezes, como objetivo influenciar o próximo.

Como se infere do artigo supracitado, um *metassemema* é a *figura* que substitui um *semema* por um outro, resultando em alterações no plano do significado. Dentre os *metassememas neotestamentários*, destacam-se: a *antonomásia*, a *metáfora*, a *comparação*, a *metonímia*, a *sinédoque* e a *sinestesia*.

4. Referências Bibliográficas

- ARISTOTE. *Rhétorique*. Paris: Les Belles Lettres, 1973, Tome Troisième.
- BAYLLE, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. Revista por L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editorial, 1992.
- BENVENISTE, Émile. *O Homem na Linguagem*. Tradução de Isabel Maria Lucas Pascoal. Lisboa: Vega, s/d.
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Do Mito ao Lógos. Calíope – Presença Clássica*. Rio de Janeiro, nº 3, p. 5-13, julho / dezembro, 1985.
- Bíblia de Estudo de Genebra. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia do Novo Testamento Trilíngue: Grego, Português e Inglês. Editor Luiz Alberto Teixeira Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- CÂMARA, Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- CERFAUX, L. *O Tesouro das Parábolas*. Tradução de Ático Rubini. São Paulo: Edições Paulinas, 1974.
- CHARPENTIER, Etienne. *Para Uma Primeira Leitura da Bíblia*. Tradução de Padre José Raimundo Vidigal. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- ENKVIST, Nils Erik, SPENCER, John & GREGORY, Michael J. *Linguística e Estilo*. Tradução de Wilma A. Assis. São Paulo: Cultrix, 1964.
- FERGUSON, John. *A Herança do Helenismo*. Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa, Portugal: Editorial Verbo, 1973.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.
- HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os Gregos e Seu Idioma*. Tomo II, Rio de Janeiro: di Giorgio, 1979.
- _____, Guida Nedda B. P. Horta. *Helenismo e Cristianismo. Calíope – Presença Clássica*. Rio de Janeiro, nº 7, p. 81-93, julho / dezembro, 1988.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, s/d.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.
- MOLINIÉ, Georges. *Dictionnaire de Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1992.

- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística – Manual de Análise e Criação do Estilo Literário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- NASCIMENTO, Dulcileide Virgínio. *Os Processos Argumentativos do Discurso*. **Principia**. Rio de Janeiro, XIV, p. 33-43, 2006.
- OLIVEIRA, Luciene de Lima Oliveira. *Gramática de Grego Bíblico – Neotestamentária – Tomo I*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008.
- SAPIR, Sílvio. *Linguística Como Ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática, 1988.
- TAYLOR, William Carey. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.
- VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem: Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. Tradução e Adaptação de Clarisse Madureira Sabóia [et al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- VINE, W. E. *Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.